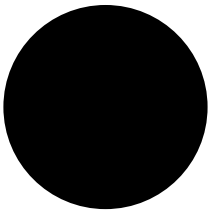
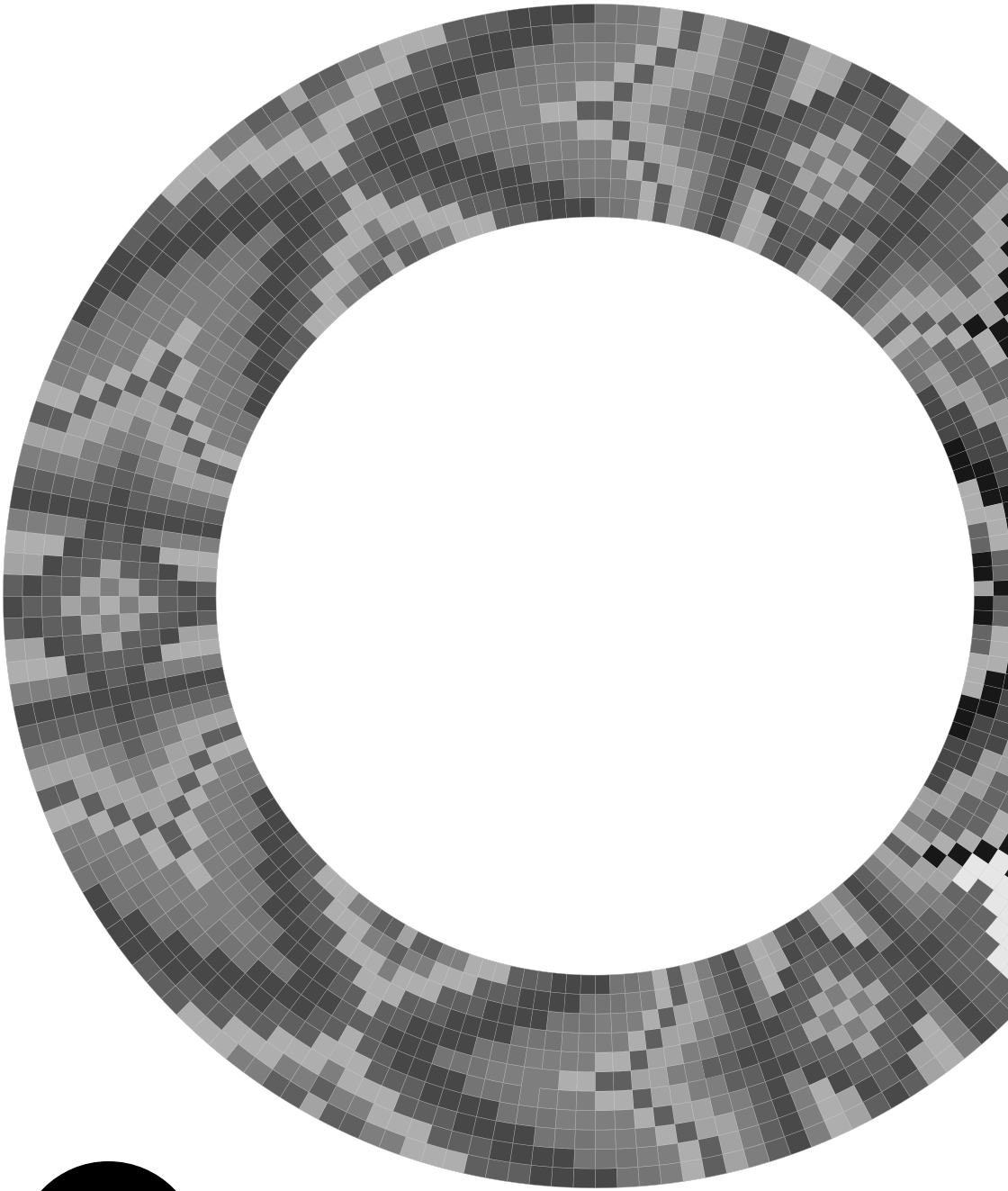
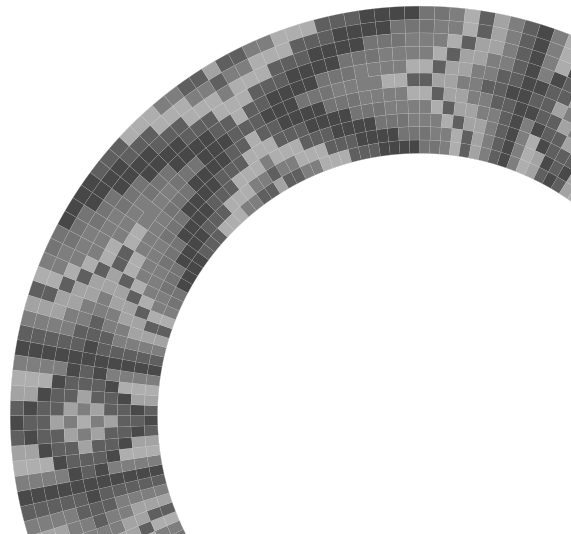
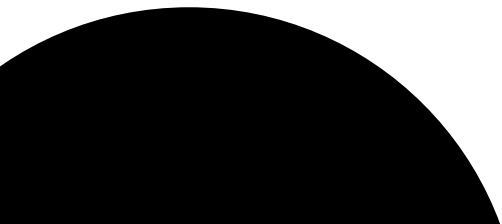
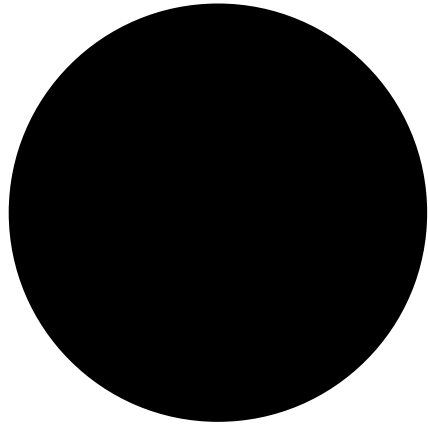
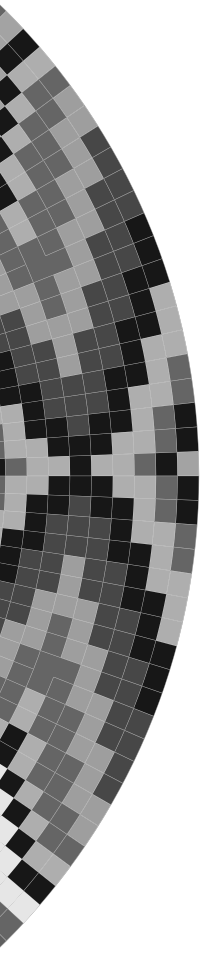



(SIS)TEMÁTICAS TEOLÓGICAS

SOBRE TEOLOGIA, DEUS
E CRIAÇÃO

REGINA
FERNANDES







A todas as teólogas que se
atreveram a re-existir, rompendo
com os impedimentos históricos
e fazendo teologia desde sua
condição de mulher!

INTRODUÇÃO	9
PARTE I	
CONHECIMENTO TEOLÓGICO	13
Epistemologia	16
Epistemicídios	19
Em se falando de “epistemologias teológicas”...	23
Por uma Teologia encarnada	24
O saber teológico	29
Construindo liberdades	30
A Teologia e seus lugares	45
Os não-lugares da Teologia	45
Teologia e doutrina	48
Movimentos teológicos na história:	
Teologias Antiga e Medieval	51
Teologia Bíblica	52
A questão hermenêutica	56
Teologia antiga	58
Mudança de paradigma teológico	63
Teologia como conceito	66
Teologia medieval	68
Escolástica	70
Teologia mística	71

A teologia da Reforma Protestante	75
Mudanças no conhecimento teológico	82
Reformas radicais	83
Reforma e América Latina	85
Implicações teológicas	90
Sobre o Protestantismo	93
Teologia Moderna e Contemporânea	95
Teologias confessionais	97
Teologia pietista	99
Teologia evangélica	100
Teologia liberal	104
Teologias políticas	107
Teologia em transição	110
Teologias contemporâneas do Sul global	113
Teologias latino-americanas	115
Teologia Negra	117
Teologias de gênero	118
Teologias indígenas	119
Teologias sistemáticas contemporâneas	121
PARTE 2	
DEUS	123
Primeiros apontamentos	125
Teologia e seu nome	125
Teologia cristã	126
Teologia e seus limites	128
Teologia e Revelação	131
Conhecimento de Deus: razão da fé teológica	135
Revelação de Deus	136
Revelação e sua recepção	137
Revelação a partir de...	143
O Deus que se revela	145
O conhecimento da Revelação	147

A Revelação nas Escrituras	149
O Deus falante	149
Implicações teológicas do conhecimento de Deus	153
A Revelação natural (ou ecológica)	156
A ecologia do conhecimento de Deus	156
A diversidade da revelação natural	160
As relações humanas e o conhecimento de Deus	163
Conhecimento de Deus: lugar da liberdade	167
O mal	168
Deus e o conhecimento	169
A liberdade	173
Trindade: fonte da vida e da comunhão na criação	177
Trindade: Deus em perfeita comunhão	178
Trindade e criação	179
A Trindade – olhares bíblicos	181
A <i>Ruah</i> de Deus	181
O Pai	183
O Filho	185
Discussões trinitárias	186
A Trindade - Implicações teológicas contemporâneas e práticas	191
Na cultura contemporânea	192
Ecoteologia trinitária	195
Contribuições da teologia feminista	197
A globalização	200
Teologias latino-americanas	201
PARTE 3	
CRIAÇÃO	207
O mundo em que vivemos	209
O mundo que <i>co</i> -habitamos	210
Amor e cuidado do mundo	211
Temos e somos problemas no mundo	214

O mundo muda, seu conhecimento também muda	217
O saber colonizado	218
Novos saberes, novo jeito de saber a fé	220
Verdades e não-verdades num mundo de falantes	222
A Teologia da criação:	
no contexto da vida criada por Deus	225
Uma teologia para a práxis	225
O contexto atual da teologia da criação	227
Deus ama e cuida	230
Teologia bíblica da criação (I)	233
No Antigo Testamento	235
Humanos, graças a Deus!	238
Uma leitura de Gênesis 1.1-2.4	239
Teologia bíblica da criação (II)	245
Um relato da criação na sabedoria de Israel	247
Deus é o Criador de todas as coisas (Gn 1.1-2.4)	250
Deus, é libertador e salvador da sua criação	252
No Novo Testamento	253
Teologia da criação:	
perspectivas históricas e contemporâneas	257
A criação	258
Tempo e criação	260
A criação na teologia latino-americana	263
Teologia da criação:	
implicações teológicas, contemporâneas e práticas	267
Criação e mundo	268
Criação, bem-viver e o trabalho	269
O sábado da criação	272
Teologia e ciência pela criação	272
Vida em abrangência	273
Vida em movimento	276

PARTE 4	
O HUMANO	279
A humanidade	281
A tecnologia e a questão humana	282
Saber o humano	284
Outras questões do humano contemporâneo	285
Contribuições do feminismo	287
Sofrimento e resiliência humana	288
Percurso bíblico	293
Criação e humanidade	293
Criação e corpo	296
A comunidade entre homem e mulher	303
E ela é ishah	304
Ela é igual e parceira	305
O trabalho como humanização e não des-humanização	309
Questões hermenêuticas	310
O humano e a criaturidade	311
Antropologia do Novo Testamento	312
A antropologia a partir da cristologia	315
Somos <i>Homo Sapiens</i>	318
O humano na história do pensamento cristão	321
O dualismo antropológico na Teologia	321
O humano na Teologia e no pensamento contemporâneo	327
O humano nas teologias latino-americanas	329
CONCLUSÃO	331
BIBLIOGRAFIA	335

INTRODUÇÃO

Algumas advertências em relação a esse livro são necessárias. Primeiro, é um livro de Teologia Sistemática, mas não daquela sistemática pesada, carregada de postulados, que tenta amarrar as ideias de uma ponta a outra da obra visando se apresentar como um “sistema fechado”. Ao contrário disso, ele é como um tapete de artesanato feito de sobras de linha, com pontas soltas de todos os lados, nas quais alguém pode amarrar um fio e continuar tecendo, ou pode simplesmente puxar um fio mais solto, e outro, e outro, dar nós nas pontas e fazer uma nova peça juntando a eles os próprios fios. O termo “sistema”, nesse caso, é usado de acordo com o sentido dado no campo da saúde: um conjunto de componentes que atuam de forma integrada, através de mecanismos de coleta, processamento, análise e transmissão da informação necessária. O termo “sistemática” é compreendido como a ordenação de ideias a partir de um método de construção do conhecimento, neste caso, aquele utilizado na Teologia Latino-americana. Nela, se faz o recurso a fontes como biblistas, historiadoras e historiadores da Igreja, teólogas e teólogos pastorais, pesquisadoras e pesquisadores, teólogas e teólogos indígenas e suas sabedorias, enfim, o diálogo é amplo e as mediações são diversas. Também se deve à forma como o estudo foi realizado, por assuntos, visando sua utilização para leitura e como um guia didático.

Uma segunda advertência é que a teologia que esta obra apresenta é provisória, inacabada e sem pretensão alguma de ser a última palavra sobre o assunto. Eu parto da compreensão de que teologia é tarefa humana na sua busca incessante de saber sobre Deus, sobre si mesmo e sobre o mundo e,

como tal, ela está marcada por essa humanidade e suas limitações, inclusive hermenêuticas, de entendimento, não somente das Escrituras mas da própria realidade. Uma teologia provisória é um saber nunca pronto, portanto, passível de ser “mexida” a partir de críticas diversas e outras experiências de conhecimento. Isso a torna sempre aberta, interativa e criativa.

Uma terceira advertência é sobre a localização dessa teologia que, para mim, é uma questão de honestidade teológica. Faço Teologia desde a América Latina, das vivências de seus povos, ainda que desde olhares limitados, mirando a maior parte das situações como se fossem desde cima de uma grande montanha, e com binóculos. Por outro lado, análises de caminho ou de caminhada são possíveis porque eu faço parte da Fraternidade Teológica Latino-americana (FTL), me possibilitando o acesso a relatos, dados e informações sobre os problemas de nosso continente. Também faço Teologia desde o Brasil, sua sociedade e seus problemas, um pouco mais próximo da sua realidade por vivê-la e, mais do que isso, participar de sua construção.

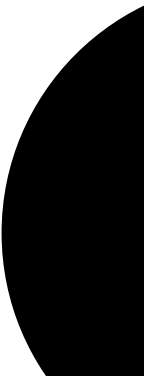
Uma quarta advertência é que faço Teologia como mulher-teóloga que ensina teologia em instituições teológicas há algumas décadas. Na realidade, boa parte dessa obra é fruto dessas aulas. Acredito que é a condição de mulher e latino-americana que não me deixa fazer uma “teologia reta” e nem hermética, pois nessas duas condições aprendemos que a vida é como um rio que corre, por vezes quase seco, outras em vazão. Ando, e falo no texto em círculos, quase saltitando, olhando para cada lado das voltas que dou, como se estivesse no centro da minha casa, de onde vou para minha mesa de trabalho, para a cozinha, para os quartos, transitando desde o computador ao fogão, fazendo teologia com cheiro de feijão, com livros salpicados de água das plantas que foram molhadas, da lembrança de longas conversas no horário do café. É devido a essa condição que muitas críticas aos espaços não-ocupados pela mulher no livro advêm da própria experiência de luta e resistência para o des-escondimento, des-impedimento e des-invisibilização.

Minhas histórias são muitas. Boa parte delas por ser uma das pouquíssimas mulheres teólogas em quadros docentes de faculdades evangélicas de Teologia – espaços que sempre ocupei muito mais pela

experiência em gestão acadêmica do que pela condição própria de professora e pensadora, mas que usei para me “infiltrar” como mulher-teóloga nesses espaços de dominação masculina. Certa vez, em um debate em sala de aula sobre o ministério feminino, tive de ser áspera com um aluno que em meio à discussão afirmou que não concordava que mulheres ensinassem na igreja ou sobre a fé, então disse a ele que deveria sair da sala pois eu era mulher e estava ensinando-o a ler a Bíblia e a ser pastor. Outra vez, um diretor de uma instituição teológica evangélica, bem conhecida no país, me disse: “Quem sabe um dia uma mulher possa até assumir cargo de direção em nossa faculdade, sim, isso ainda pode acontecer, quem sabe!”. Talvez, um dia, ainda escreva um livro de Teologia, relatando os trinta anos de vivência no meio da educação teológica e as muitas histórias.

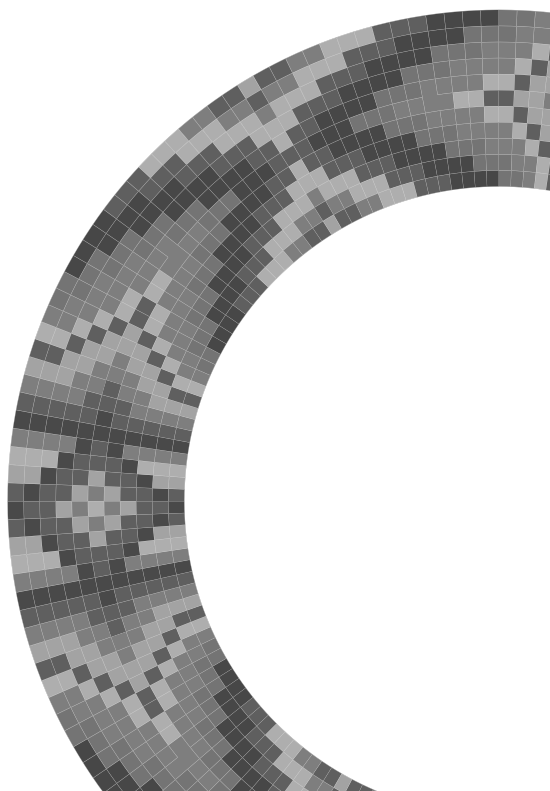
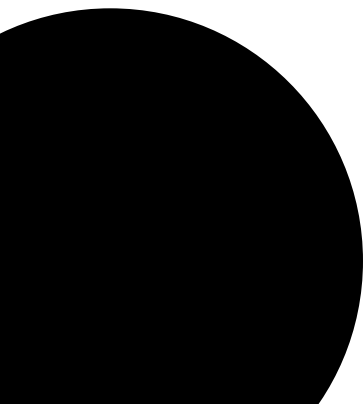
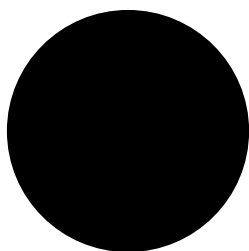
Na primeira parte do livro faço uma introdução à Teologia para esclarecer como a entendo, partindo dos estudos, dos diálogos, das observações que tenho realizado ao longo da vida. Teologia, na abordagem da obra, é sempre um ato segundo, primeiro vem a vida, a fé, o contato com as Escrituras, o desejo de conhecer a Deus e os diálogos desse percurso. Ela sempre sucede o movimento como ideia elaborada, mas é também parte dele como busca e diálogo. Após essa discussão, introduzo o assunto da Trindade, abrangendo vários aspectos a partir das releituras da tradição cristã. O tema da criação, trato especialmente a partir da realidade latino-americana, pois é um assunto que conhecemos bem e temos muito o que falar, principalmente visando a construção de ecoteologias. Sobre a humanidade, o tratamento é desde o tempo contemporâneo, outra localização possível da teóloga e do teólogo, visando pensar as questões antropológicas postas por nosso tempo.

Essa obra é mais uma proposta de reflexão teológica, quem sabe um “pontapé teológico”, aquele primeiro chute no futebol, quando a bola começa a rolar nos pés dos jogadores no início do jogo. Pode ser acolhida também como um conjunto de aulas em que se dialoga e se discute, possibilitando a quem a lê, pensar, discernir, avançar nas reflexões, criar e fazer Teologia.



PARTE 1

CONHECIMENTO TEOLÓGICO



A TEOLOGIA RESULTA DO ESFORÇO DO PENSAMENTO humano sobre Deus, seja ela na forma conceitual e ordenada do modelo ocidental, seja na forma das narrativas, sabedorias e oralidades das culturas ancestrais e da religiosidade popular, ou na forma híbrida das teologias latino-americanas, africanas, aisáticas etc. Como “labor” humano a teologia sempre está situada nas culturas e situações históricas e demarcada por elas. Essa não é uma condição exclusiva da teologia, mas de todo conhecimento humano. Nós não somente produzimos diferentes conhecimentos, mas conhecemos de modo diferente, diversificado, e não há como dizer que a percepção da realidade de um povo é superior a de outros povos somente porque ele utiliza métodos diferentes por eles mesmos produzidos.

Na sua implantação na América Latina, principalmente no âmbito das missões, os protestantismos trouxeram junto com a arquitetura estrangeira dos templos, as músicas sacras com seus ritmos mais solenes e um tanto monótonos para o padrão latino-americano, instrumentos musicais caros de se ter e aprender como o órgão e o piano, a disciplina litúrgica que em nada correspondia às nossas celebrações e festividades, uma forma de teologia que era ensinada como única maneira possível de se elaborar a fé cristã protestante. Hoje, sabemos que essas teologias estavam tão situadas em seus contextos de origem quanto qualquer outra feita ao longo

da história do pensamento cristão, e representavam doutrinas, culturas e problemas próprios da realidade de vida de seus pensadores originais. Mas, esse não é o problema, como dissemos, toda teologia é situada. O problema acontece quando uma determinada teologia é imposta sobre outros como sendo universal, apropriada para todas as culturas, capaz de responder a qualquer pergunta de qualquer contexto. Então, devemos perguntar: Por que razão se faria isso?

Na América Latina, estudamos muito pouco o nosso próprio conhecimento, principalmente nos espaços teológicos, daí termos dificuldades em conceber que pensamos de modo diferente, portanto, agimos no mundo de forma diferente, e que isso tem a ver com nossas culturas, nossas vivências sócio-históricas, e até mesmo com nossas geografias. Nesse capítulo, veremos a importância de entendermos como válida nossa forma de conhecer, principalmente para a fé.

Epistemologia

A epistemologia é uma das áreas de estudos da Filosofia, também conhecida como Teoria do Conhecimento, e se ocupa da natureza do conhecimento, do seu conceito e como o possuímos. Ela envolve, principalmente, as discussões entre sujeito e objeto, os dois elementos fundamentais do processo de conhecer, e trata também do estudo da ordenação do conhecimento própria dos diversos campos do saber, verificando seus percursos e mediações teóricas a partir de seus próprios critérios. O termo vem do grego *episteme*, que significa ciência, conhecimento.

Além de pensar o conhecimento em si, a epistemologia trata de suas possibilidades e condições, de como é possível conhecer e como conhecemos. Stoeger a explica como um esforço de compreender e explicar o que vivenciamos, o entendimento e a análise crítica dele:

A epistemologia deve, antes de mais nada, tentar descrever nossa experiência de conhecimento, levando em conta seus vários níveis e formas e também nossa necessidade instintiva de unificá-lo coerentemente à luz de compromissos e princípios fundamentais. Depois de fazer isso, ela deve tentar realizar um relato crítico do nosso conhecimento, inclusive suas pressuposições e seus modos

aceitos de validação em vários níveis (um exame crítico dos padrões de verdade e certeza tal como eles realmente funcionam em diferentes formas de conhecimento), as competências e os limites de diferentes formas de conhecimento, seu desenvolvimento na interação e os contextos culturais e sociais que os estruturam e apoiam. (2002, p. 85).

A epistemologia se tornou na modernidade, a partir de critérios por ela mesma estabelecidos, a área de estudos que, em certo sentido, verifica a validade do conhecimento, como tal, é também validadora dele sob esses mesmos critérios. O sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (2009, p. 7) a explica como “(...) toda a noção ou ideia, reflectida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido.” Ele acrescenta que: “É por via do conhecimento válido que uma dada experiência social se torna intencional e inteligível.” Entretanto, ele alerta que todo conhecimento se dá nas diversas relações sociais, portanto, culturais, nas vivências de cada povo, o que os torna contextuais e isso parece escapar aos critérios da epistemologia eurocêntrica, que arroga para si certa universalidade e superioridade em relação às demais formas dos saberes. Ao contrário, Santos assume que há vários conhecimentos e formas de se fazê-lo, por mais que não sejam validados pela epistemologia predominante.

O fato de a epistemologia eurocêntrica ter atribuído para si o *status* de determinadora do conhecimento válido foi uma das razões que a colocou sob severas críticas e em crise na atualidade. O sociólogo João Arriscado comenta que essas críticas se deveram, em muito, ao seu comprometimento com as ciências modernas e seus métodos, e chega a afirmar que, de “teoria do conhecimento, a epistemologia convertia-se, assim em teoria do conhecimento científico” (apud SANTOS; MENESES, 2009, p. 218). Os métodos científicos se tornaram critérios da epistemologia moderna, e da sua validação do conhecimento, mesmo aqueles que não se identificam como ocidentais.

Santos avança sua crítica ao definir o pensamento europeu e sua epistemologia como “abissal”, no sentido de que divide a realidade social e de conhecimento em duas situações ou “universos”. Nesse acercamento,

o conhecimento europeu e sua ordem social está colocado acima da linha divisória, e os saberes dos povos e regiões colonizadas estão abaixo desse traçado, relegados à escuridão, à invisibilidade e à inexistência, como ele diz (2009, p. 21): “Refiro-me aos conhecimentos populares, leigos, plebeus, camponeses, ou indígenas do outro lado da linha”. É possível afirmar que sob essa linha estão todos os saberes que não são aqueles da modernidade ocidental, no caso, da América Latina e de outros povos. As colonizações diversas foram os meios de domínio, tentativas de esvaziamento deles sob o argumento que não eram conhecimentos válidos.

O educador Rogério Donizetti interpreta isso como uma forma de fazer desaparecer o pensamento do outro, e acrescenta que se deu de forma violenta ao comentar a teoria de Santos, “(...) ‘pensamento abissal’, que para o autor é o desaparecimento de outras formas de pensamento, só sendo validada como legítima a produção epistemológica de um lado da linha e esse lado é o europeu”. (JOÃO; BUENO, 2019, p. 21). Como representante da Teologia negra, no Brasil, ele associa essa prática ao sujeito negro e à destruição de sua identidade, principalmente como produtor de conhecimentos, saberes e culturas.

Sofia Chipana Quispe, teóloga indígena, confirma com seu relato essa denúncia de Santos, ela explica:

Com as diversas alienações e subjugações coloniais e suas extensões na organização dos Estados e seus sistemas, diante de um suposto progresso que se estendia, de mãos dadas, com o pensamento colonial e moderno, buscava-se anular toda a ligação com a Pachamama, fazendo com que as sabedorias, e aqueles e aquelas que as transmitiram, vestissem as roupas do não ser e do não saber. (SANCHES, PURI, REIS, 2019, p. 271)

Ela comenta que os povos originários na América Latina possuem uma íntima relação com a mãe-terra (Pachamama), que sempre foi base para a sua cultura, inclusive a religiosa. Entretanto, isso foi negado nos processos colonizatórios, como se fosse um mal a ser tirado desses povos, prática que se deu inclusive no âmbito dos empreendimentos missionaristas católicos e protestantes. Sofia acrescenta que esses impedimentos das

culturas e saberes dos povos colonizados, somado à imposição da cultura e das formas de conhecimento do outro, do estrangeiro e do invasor, resultou em prejuízos inimagináveis e de difícil recuperação; mas, as resistências, também históricas, têm ajudado a amenizar esse dano que, para além de cultura, afeta as vivências diversas na América Latina:

Isso significou, para muitos de nossos povos, uma série de desequilíbrios, de modo que a resistência a esse mundo de extermínio foi feita, e é feita, a partir do profundo elo com as forças ancestrais, de modo que elas continuam a nos habitar e acender o fogo das sabedorias que nos permitem relacionar-nos dignamente com os vários mundos que vemos, e aqueles que não vemos, compartilhando a casa cósmica, tornando possível curar nossas relações desarmonizadas e recriar uma boa vida. (SANCHES; PURI; REIS, 2019, p. 271)

Tais abusos realmente aconteceram e continuam acontecendo nas novas colonizações, pois o pensamento abissal apropria-se do poder de ser juiz do conhecimento, inclusive em relação à Teologia, visto que nem ela e nem a Filosofia correspondem aos seus critérios de pensamento cientificamente válidos: “No campo do conhecimento, o pensamento abissal consiste na concessão à ciência moderna do monopólio da distinção universal entre o verdadeiro e o falso, em detrimento de dois conhecimentos alternativos: a filosofia e a teologia” (SANTOS, MENESES, 2009, p. 21). Mas, essas tensões epistemológicas com a Teologia e a Filosofia ainda se encontram acima da linha divisória. Também podemos afirmar que, ainda assim, e até mesmo por se situar no conjunto do pensamento ocidental, a Teologia serviu, enquanto saber religioso, aos controles e impedimentos dos outros saberes no campo cultural, e das religiosidades, assumindo para si o papel de validadora das colonizações e do seu projeto de dominação.

Epistemicídios

Sempre importante lembrar que ações de aniquilação de formas de conhecimento de povos corresponde à destruição de sua cultura e dos seus modos de vivências, pois uma coisa é definidora da outra. Essa não recepção e o impedimento, ocultação e mesmo in-validação dos saberes